



Congresso Internacional de Filosofia: debate de idéias e cidadania

VIII Simpósio Sul-Brasileiro sobre o Ensino de Filosofia: Filosofia, formação docente e cidadania

De 14 a 16 de maio de 2008 - Caxias do Sul - RS

ESTUDANTE COMO AGENTE DO PENSAMENTO REFLEXIVO: ABORDAGEM DE JOHN DEWEY

Matusalén Kossmann Bergamin¹

Resumo: Pretende-se realizar aqui um estudo sobre três conceitos-chave (espírito aberto, interesse absorvido e responsabilidade), abordados por John Dewey na obra *Como pensamos*. A relevância do esboço a ser apresentado pode ser expressa nas seguintes questões: 1) qual a importância desta tríade para traçar uma idéia de como o ensino depende da atitude individual do estudante? 2) quais são as atitudes do educador para instigar em seus alunos o desejo de criação e o pensamento reflexivo? 3) qual é a intenção sugerida por John Dewey em imprimir no educando o pensamento reflexivo? A grande maioria de educadores tem dificuldades em lecionar conteúdos a estudantes com baixo desempenho motivacional; isso acarreta evasão escolar, alheamento disciplinar, baixo rendimento, entre outros problemas educacionais. Dessa forma, os conceitos de espírito aberto, interesse absorvido e responsabilidade tentam atenuar esses impactos. O conceito de espírito aberto se aplicado corretamente na vida de um estudante pode render benefícios sociais, tais como sentido democrático, moral, ético, dialógico etc. O jovem, no momento em que flexibilizar o seu campo de visão, impedindo que suas crenças interfiram negativamente na sociedade, poderá ser um cidadão crítico e preocupado com os problemas sociais, além de agregar valores em sua experiência como adulto. Assim, o estudante que construir essa habilidade poderá aprender de modo mais contingente as soluções que a experiência lhe impõe. Segundo Dewey, espírito aberto é “[...] um desejo ativo de prestar ouvidos a várias vozes, que não a uma só: de pôr o sentido nos fatos de qualquer fonte que venham; de conceder inteira atenção a possibilidades alternativas; de reconhecer a probabilidade de erro mesmo nas crenças que nos são mais caras” (DEWEY, 1979, p. 39). Quanto ao interesse absorvido, Dewey diz: “não há maior inimigo do pensamento eficiente que o interesse dividido” (DEWEY, 1979, p. 38). A partir desta citação, nota-se que não basta apenas o espírito aberto para que o aprendiz aprenda as coisas. Portanto, deve existir um outro aspecto motivador: o interesse absorvido. “Quando alguém está absorvido, o assunto o transporta” (DEWEY, 1979, p. 40). Um problema surge dessa afirmação: o sistema educacional consegue atender às necessidades dos educandos em absorver o conhecimento lecionado pelos educadores? Destarte, o educador conseguirá atingir os seus alunos dessa forma? Dewey diz que “não há exercícios organizados para pensar corretamente, cuja execução repetida faça do indivíduo um bom pensador” (DEWEY, 1979, p. 38). O educador deve instigar a atenção de seus alunos, para que recebam a lição sem se perderem em outros fatores. Dessa forma, quais são as soluções propostas por Dewey? Qual a finalidade do ensino? Quais são os fatores indicativos de um bom educando? Eis algumas das questões que serão trabalhadas neste artigo.

Palavras-chave: aprendizagem, criatividade, consciência reflexiva

¹ Acadêmico de Administração EAD/UFSC, bolsista PIVIC (Orientador: Altair Alberto Fávero), acadêmico de filosofia da Universidade de Passo Fundo.

1. Sobre propostas educacionais, apontamentos introdutórios à concepção do termo aprendizado em John Dewey e considerações iniciais.

Para traçar um breve roteiro daquilo que será explanado nesse texto, importante é a exposição de alguns fatores que tornaram John Dewey (1859-1952) um dos precursores da educação moderna. Primeiramente, suas intenções e preocupações como pensador eram “[...] o direito feminino ao voto, a educação progressista, os direitos do educador, o movimento humanista e a paz internacional.” (SHOOK, 2002, p. 137).

Sendo assim, Dewey dedicou grande parte de sua vida indagando e re-avaliando a forma de se educar, pois via nesta atitude, as soluções cabíveis para os diversos problemas sociais, tais como o preconceito, a desigualdade política e as injustiças sócio-econômicas. Como ideal a ser seguido, Dewey propôs uma educação livre de hierarquias e condicionamentos dependentes da classe social do estudante. Criticou tanto a educação destinada à aristocracia quanto àquela administrada ao proletariado; considerava-as nocivas ao caráter humano, pois dificultam qualquer manifestação criativa do educando.

Destarte, o filósofo inovou: criou didáticas de cunho experimental, possibilitando a produção de conhecimentos significativos na área da educação e democratizou o verbo *experimentar*. Para tanto, na tentativa de reformular a atividade educacional de sua época, Dewey criticou a maioria dos sistemas pedagógicos tradicionais que se utilizavam técnicas de imitação, memorização, repetição e elitização. Desta atitude surge a idéia de Escola nova; uma alternativa educacional que prima pelo pensamento reflexivo, raciocínio crítico, criatividade, experimentação e pesquisa científica.

“Só estamos aptos a pensar reflexivamente quando nos dispomos a suportar a suspensão e a vencer a faina da pesquisa”. (DEWEY, 1979, p. 25).

A partir da contextualização até então expressa, nota-se que, essencialmente, a finalidade do aprendizado é a busca incessante de aprimoramento e de autonomia do agente reflexivo.

Segundo John R. Shook, em seu livro *Os pioneiros do pragmatismo americano*, afirma que “Dewey acreditava que a parte mais significativa do aprendizado é a solução habilidosa de problemas”. (SHOOK, 2002, p. 139). Então, o sujeito que se dispõe ao exercício do pensamento reflexivo está apto a produzir benesses sociais elevadas. A partir do resultado obtido pelo agente reflexivo, poder-se-á traçar um conceito mais amplo de democracia e de educação social:

A democracia moderna necessita de um sistema educacional que vá além da memorização de fatos e também da aquisição de habilidades de aprendizado. Nem um catálogo de fatos nem um corpo de habilidades podem ser o objetivo da educação. (SHOOK, 2002, p. 141).

Enfim, quais devem ser as atitudes a serem tomadas pelos educadores para incentivar o estudante a aprender de forma qualitativa? Qual é a função do educador? Quais são os fatores que possibilitam o estudante a conhecer por si próprio determinado assunto? Quais são as três atitudes que o professor deverá incentivar no aluno para que este seja mais produtivo? Quais são as alternativas propostas por Dewey? Qual a finalidade da educação? Eis algumas perguntas que serão discutidas no decorrer desse artigo.

2. Atitude do estudante reflexivo: quais são os fatores motivadores de um bom estudante.

John Dewey classifica três pontos necessários para que o exercício investigativo seja reflexivo e científico. São os alicerces para a constituição de um estudante reflexivo.

- a) Espírito aberto;
- b) Interesse absorvido;
- c) Responsabilidade;

1.1 Espírito aberto.

A primeira atitude por parte do educando é chamada de espírito aberto. Nas palavras de Dewey, espírito aberto é uma independência de preconceitos...

(...) um desejo ativo de prestar ouvidos a várias vozes, que não a uma só; de pôr o sentido nos fatos, de qualquer fonte que venham. De conceder inteira atenção a possibilidades alternativas; de reconhecer a probabilidade de erro mesmo nas crenças que nos são mais caras (DEWEY, 1979, p. 39).

Esta primeira atitude do aprendiz é um dos fatores decisivos para a sua formação intelectual. Consiste na premissa de que o agente consciente deve alterar, dia-após-dia, toda a sua malha de crenças e, também, desacomodar-se a cada instante para se indagar se é plausível a existência de um estado de segurança intelectual.

Mas como descartar crenças edificadas com tanto cuidado e presteza, conceitos que servem de “diapasões” para afinar o modo de concebermos a nossa visão de mundo? É ousado afirmar que somos capazes de intervir radicalmente na nossa visão de mundo, algo que cremos como verdadeiro e rico de significados? São perguntas fundamentais para a evolução da experiência humana. Cabe ao ser consciente o uso do pensamento reflexivo para responder tais indagações durante a sua experiência.

E se o conceito de espírito aberto for negligenciado, a sociedade condicionará a liberdade de seus indivíduos em claustros geradores de preconceitos e em sociedades fechadas? É possível a ocorrência de tal fenômeno. Com efeito, a aplicação de rótulos sociais é causadora dos maiores malefícios à liberdade do homem. Acarreta deficiências na maneira como é distribuído o conhecimento, pois aumenta a quantidade de guetos intelectuais, que escoltam um conhecimento restrito, hermético, imutável e mudo.

Então, para que um homem possa experimentar algo de válido em sua vida, deve ter um espírito aberto, capaz de convergir para si próprio, as mais diversas opiniões e experiências do mundo. É válido ressaltar que esta atitude não tem como propósitos (1) vulgarizar o conhecimento especializado e (2) proferir apologias ao senso comum; mas sim de incentivar a conferência e o diálogo entre as mais diversas áreas do conhecimento humano, promovendo o esclarecimento dos mais diversos assuntos ligados à emancipação democrática da humanidade.

Importante: o conceito de espírito aberto deve ser difundido desde o início da vida de um indivíduo, para que sejam evitados erros críticos em sua formação. Ou seja, o antro familiar pode instigar os conceitos de liberdade e força de vontade em seus filhos, preparando-os para enfrentar barreiras que a experiência possui.

Enfim, espírito livre é uma atitude importante para a produção de conhecimentos, pois recolhe as informações externas, sem distinções internas, a fim de assimilar toda a expressão da experiência, sem se limitar a paradigmas ou preconceitos, estes que, às vezes, retardam o aparecimento de idéias.

2.2 Interesse absorvido.

A segunda atitude fundamental do aprendiz é apelidada “de todo o coração”, ou interesse absorvido. Dewey utiliza esta expressão para denominar aquele sujeito que ‘esteja absolutamente interessado em determinado objeto, em determinada causa, atira-se-lhe, como dizemos, “de coração” ou de todo o coração’(DEWEY, 1979, p. 40).

A partir disso, constatamos que:

- a) A finalidade da educação é apoiar, instigar e viabilizar tendências pessoais, seja na forma como o aluno reage às matérias da grade curricular ou como ele se expressa em determinado assunto (ou objeto) que lhe é íntimo;
- b) A habilidade do aluno em focalizar-se num determinado objeto ou conceito é o princípio gerador de um pensamento coerente e reflexivo;

Os profissionais que se dedicam em prol do ensino compreendem muito bem que o seu conhecimento tem como objetivo uma busca individual gratificante e bem trabalhada. Também sabem que os seus alunos possuem dificuldades em prestar atenção naquilo que está sendo exposto na lousa, certo? Bom, o que não é bem entendido pela maioria dos professores é como convergir toda a atenção do aluno em sala de aula, sendo que tudo o que ele sente de imediato (tanto do ambiente escolar quanto das atividades que ele manterá fora da classe após as aulas acabarem) influem de maneira decisiva na captação daquilo que está sendo lecionado.

Diante deste dilema comum a uma maioria de professores, Dewey dá-nos “pistas” de como o professor pode proceder para que a atenção dos seus alunos esteja concentrada naquilo que ele está falando ou exemplificando:

“Quando alguém está absorvido, o assunto transporta”. (DEWEY, 1979, p. 40).

E ainda:

O entusiasmo genuíno é atitude que opera como força intelectual. O professor que desperta tal entusiasmo em seus alunos conseguiu algo que nenhuma soma de métodos sistematizados, por corretos que sejam, poderá obter. (DEWEY, 1979, p. 40).

O entusiasmo genuíno que Dewey está comentando não é, tão-somente, a fluência ordenada de informações interessantes ou a utilização de uma linguagem acessível e dinâmica por parte do educador: é, na verdade, a conjunção da dinâmica do professor para com a assimilação do aluno ante a matéria exposta e, também, ao método encontrado pelo aluno, em sintetizar uma nova experiência. Resumindo, o educador indica, não explica tudo ao aluno.

Seria mais fácil promover feiras do conhecimento e aulas dinâmicas voltadas para a experimentação daquilo que as matérias elucidam – seja através de objetos ou cartazes ilustrativos das mais diferentes atividades do homem – do que simplesmente verticalizar conceitos estáticos de cima para baixo. Por exemplo, ensinar o que é uma grandeza matemática de uma forma que prenda a atenção dos alunos é muito mais adequado do que gastar horas na frente de um caderno rabiscado e um aluno cheio de dúvidas.

Dinamizar a forma de ensinar matemática não é difícil: basta utilizar, por exemplo, jogos de videogame ou de microcomputador, capazes de construir interfaces entre o mundo real e o abstrato mundo matemático. Nesse mundo fictício, os alunos aprenderão a manter relações diretas com diversas grandezas físicas, tais como, distância, impacto, potência, altura, movimento, tempo, etc. Mais tarde, tal experiência será notada, digamos, numa aula de educação física, onde os alunos poderão exercitar aquilo que aprenderam anteriormente (na aula de

matemática) de forma interativa e interdisciplinar. Em suma, soluções lúdicas propiciam um desempenho muito melhor do que aplicar exercícios repetitivos e insossos.

1.2 Responsabilidade.

Para que o conceito de espírito aberto crie alianças sólidas com o interesse absorvido, é necessária a contextualização da atividade chamada responsabilidade. Sozinhas, a percepção de que existem coisas interessantes no mundo – uma contagiente explosão de liberdade sem preconceitos – e a certeza que a sua boa vontade pode absorver significados profundos dos objetos, pode tornar esta relação instável e desprovida de sentido lógico. Por isso, como uma habilidade moral, a responsabilidade processa as informações adquiridas para que o pensamento seja coordenado e cordato, mais especificadamente, reflexivo.

Dewey nos informa que “não há maior inimigo do pensamento eficiente que o interesse dividido” (DEWEY, 1979, p. 40) e, ainda, “levar alguma coisa ao complemento é o sentido real da perfeição: é o poder de levar um trabalho até o fim ou conclusão é dependente da existência da atitude de responsabilidade intelectual” (DEWEY, 1979, p. 40).

A partir disso, dever-se-á compreender o que significa responsabilidade intelectual. Ser uma pessoa responsável intelectualmente é saber informar da melhor maneira possível e transparente, um conceito ou uma crença. Os profissionais da educação, necessariamente, são intelectualmente responsáveis para que não turvem a visão do aluno. Entulhando o educando de assuntos contraditórios e desconexos fazem com que estes (educandos) procurem, fora da escola, algo que seja mais motivador e consistente do que disciplina dada pelo professor. Muitos estudantes se tornam irresponsáveis intelectualmente, pois, aderem a crenças muitas vezes vulgares e sem reflexão discriminatória. Dessa forma, aceitam conceitos pré-estabelecidos e formatados. Destarte, necessária é a exposição de fatos correspondentes ao cotidiano dos estudantes; informações que penetrem na consciência do educando com facilidade, promovendo o diálogo e a conferência da validade do assunto abordado.

2. Considerações finais e contextualização adicional.

Dever-se-á pensar a educação e os mecanismos políticos de ensino através da perspectiva de que o corpo discente é, sem dúvida, o alicerce de toda a estrutura da sociedade. Para tanto, a motivação do indivíduo pensante (aprendiz) deverá interferir positivamente na conduta do professor em sala de aula – e vice-versa. A postura humilde e, ao mesmo tempo, confiante do motivador do ensino, direcionará as projeções profissionais e as aspirações sócio-culturais dos estudantes, propiciando que se desenvolvam as sinergias necessárias para que a Instituição escolar consiga atenuar os chamados “êxodos escolares” e o baixo desempenho curricular dos estudantes. Também, como função básica, o educador deve comprometer-se em esclarecer ao jovem estudante de que a prosperidade está ligada, única e exclusivamente, na sua vontade em planejar atividades práticas de aprendizado como a aplicação correta desta logística para conquistar objetivos pré-definidos.

A postura de liderança do professor em sala de aula deve produzir efeitos além dos portões da escola; a figura do educador tem como função primordial promover a atividade lúdica e interativa no estudante, capaz de instigar o jovem a buscar novas habilidades para confrontar as suas dificuldades cotidianas. A imagem do professor é idêntica a de um guia que indica os pontos de referência. A partir disso, o estudante é instigado a descobrir o que é aquilo que foi indicado. Em verdade, todos os estudantes que experimentam e atuam para a resolução de questões práticas individuais estão fadados à prosperidade profissional. Isso depende de uma fiel reciprocidade entre educador e educando.

Indubitavelmente, ensinar o jovem a trilhar seu próprio caminho é uma das alternativas para formar indivíduos conscientes de sua própria situação, como integrantes de uma sociedade sempre competitiva e instável; por isso, as instituições de ensino e o cânone das leis educativas podem conceder direitos aos estudantes para que estruturem a formação que lhe é adequada; porém, baseada num radical comum de métodos de ensino contingentes.

A figura do professor é a chave para a produção de conhecimentos.

Partindo desse pensamento, o professor não é o delimitador e nem mesmo a fonte donde nasce o conhecimento ideal; isso está longe de ser verdade. O professor é o difusor de conceitos e de informações sintetizadas, estes elaborados pela ação da sociedade e de experiências discutidas e compreendidas. O professor é, na verdade, o indicador e também o promotor de problemas comuns entre os homens.

Eis o ponto que devemos pensar: Quais são os modelos plausíveis de educação disponíveis para uma sociedade que demanda uma crescente atualização de seus cidadãos? Como a educação prepara um profissional competitivo e capacitado, autônomo e confiante de suas habilidades? Qual deve ser a atitude do estudante diante dessa nova forma de aprender?

REFERÊNCIAS:

- SHOOK, John R. *Os pioneiros do pragmatismo americano*. Trad: Fábio M. Said. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- DEWEY, John. *Como pensamos*: como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo, uma reexposição. Trad. Haydée Camargo Campos. 4. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.